

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS

ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES

CURSO DE PEDAGOGIA

KAROLINA MARQUES NOVATO

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

GOIÂNIA

2020

KAROLINA MARQUES NOVATO

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Projeto de Pesquisa elaborado para fins de avaliação parcial de Trabalho de Conclusão de Curso, do Curso de Pedagogia da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

**Orientador**: Profº.: Mardonio Pereira da Silva

**Examinador:** Profª.: Dra. Daniella Couto Lobo

Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS)

GOIÂNIA

2020

**KAROLINA MARQUES NOVATO**

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Apresentação de TCC, na modalidade de Monografia, no Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

BANCA EXAMINADORA AVALIAÇÃO

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_\_

Orientador: Profº.: Mardonio Pereira da Silva NOTA

Conteúdo: (até 7,0)

Apresentação Oral: (até 3,0)

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_ \_\_\_\_\_\_

Examinadora: Profª Dra. Daniela Couto Lobo NOTA

Conteúdo: (até 7,0)

Apresentação Oral: (até 3,0)

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_

MÉDIA

Goiânia, 08 de dezembro de 2020

**DEDICATÓRIA**

A Deus por ter me dado a vida e por ter me conduzido até aqui.

A minha mãe e meu pai que sempre com muito amor e carinho me ensinaram, aconselharam e me incentivaram.

A minha irmã que sempre esteve do meu lado.

E ao meu esposo, pela paciência e dedicação, nos momentos mais difíceis esteve ao meu lado e me ajudou.

**AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus por ter me ajudado e me dado força e determinação para conquistar os meus sonhos e objetivos.

A minha família que sempre esteve presente em minha vida, tendo paciência e carinho.

Aos meus professores que me ensinaram e me orientaram durante essa minha trajetória.

A minha amiga Aylla que esteve comigo esses 4 anos, sem ela seria impossível chegar até aqui.

Brincar com crianças não é perder tempo, é ganha-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em sala sem ar, com exercícios estéreis, sem valor pra formação do homem.

(Carlos Drummond de Andrade)

**Sumário**

[INTRODUÇÃO 9](#_Toc57814788)

[CAPÍTULO I 11](#_Toc57814789)

[A importância da educação para a formação humana 11](#_Toc57814790)

[1.1. Educação informal 11](#_Toc57814791)

[1.2. Educação formal 13](#_Toc57814792)

[1.3. Educação para a autonomia 16](#_Toc57814793)

[1.4. Papel do professor no desenvolvimento da autonomia 22](#_Toc57814794)

[CAPÍTULO II 26](#_Toc57814795)

[Contribuição dos jogos e brincadeiras para a educação infantil 26](#_Toc57814796)

[2.1. Os conceitos de jogos e brincadeiras 26](#_Toc57814797)

[2.2. Infância: jogos e brincadeiras 29](#_Toc57814798)

[2.3. Formação de professores para trabalhar os jogos e brincadeiras 30](#_Toc57814799)

[2.4. A legislação e os jogos e as brincadeiras 33](#_Toc57814800)

[CONSIDERAÇÕES FINAIS 37](#_Toc57814801)

[REFERÊNCIAS 39](#_Toc57814802)

**A IMPORTÂNCIA DOS JOGOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Karolina Marques Novato

**RESUMO**

O presente trabalho de conclusão de curso em modalidade monografia discute a importância dos jogos e das brincadeiras na educação infantil. Resgata a contribuição que a ludicidade pode proporcionar a criança, no desenvolvimento da autonomia, da reflexão e do pensamento crítico. Enfatiza o papel da educação para a formação dos indivíduos, como sujeitos atuantes na sociedade, aprendendo conhecimentos significativos para viver e atuar no meio em que está inserido. Os documentos de estudos mapeiam a questão da importância de se trabalhar com os jogos e brincadeiras na educação infantil e a contribuição da formação continuada dos professores para o desenvolvimento com a ludicidade.

**Palavras-chave:** Educação, Criança, ludicidade.

# INTRODUÇÃO

Este trabalho foi definido a partir de indagações provocadas durante meu percurso no Curso de Pedagogia da PUC Goiás e fundamentado por meio de leituras e pesquisas acerca da temática.

A educação é fundamental na vida do indivíduo, ela que orienta e contribui para o homem se inserir na sociedade em que faz parte. Portanto a educação deve ser repassada para os indivíduos desde a infância, pois assim eles vão se desenvolvendo e apropriando dos conhecimentos que ajudarão na vida adulta, nesse sendo, os jogos e brincadeiras estão presentes em os momentos da vida das crianças, é contribuem para aprendizagem e para o desenvolvimento integral do sujeito. Portanto, é imprescindível que o educador tenha consciência do papel dos jogos e brincadeiras na formação da criança, estimulando o contato com conhecimentos que sejam significativos para a apreensão da cultura visando a autonomia dos educandos.

Foi durante o estágio supervisionado que percebi de fato a importância dos jogos e das brincadeiras na educação infantil. São recursos auxiliares para a aprendizagem, por meio dos quais as crianças não apenas se divertem, mas principalmente adquirem conhecimentos. Portanto, é necessário que os educadores estejam presentes na hora dos jogos e brincadeiras, pois são nesses momentos que surgem as dúvidas e os questionamentos das crianças e o professor deve estar atento a isso.

Através dos jogos e brincadeiras as crianças desvendam o mundo ao seu redor, vivenciam novas experiências, aprendem a se relacionar e socializar em grupos. Além disso, exercitam a resolução de conflitos, experimentam sensações e aprendem a conviver e cooperar em grupos. Enquanto brincam as crianças pensam, refletem, tomam atitudes, criam e desenvolvem o pensamento crítico voltado para a autonomia.

Desta maneira, o objetivo do presente trabalho de pesquisa é perceber a importância dos jogos e brincadeiras na formação das crianças. Para atingir esse objetivo elaboramos essa monografia em dois capítulos. O primeiro capitulo é intitulado “a importância da educação para a formação humana”, discorre sobre conceitos fundamentais para compreender a importância que a educação tem para a formação do indivíduo. Por meio dela o sujeito se apropria da cultura e se insere na sociedade em que vive. Por outro lado, adquire conhecimentos necessários para tomar suas decisões, desenvolvendo assim sua autonomia. Desse modo ainda nessa parte se coloca a importância dos jogos e brincadeiras como recursos que auxiliam no processo de ensino e aprendizagem adequados para essa de desenvolvimento humano, isto é, a educação infantil.

No segundo capítulo é intitulado “contribuição dos jogos e brincadeiras para a educação infantil”. Aqui nosso objetivo é fazer um levantamento sobre o conceito de jogos e brincadeiras, estabelecendo as diferenças entre eles e a importância para o desenvolvimento infantil. Também procurar-se-á fazer uma investigação sobre a relação entre infância com os jogos e brincadeiras, que é uma fase essencial na vida da criança e que deve ser valorizada. Nesta parte ainda nosso objetivo é procurar entender os aspectos importantes da formação de professores para trabalhar com os jogos e brincadeiras na educação infantil e a investigação da legislação pertinente que normatiza tanto a formação de professores quanto o trabalho na educação infantil.

O procedimento metodológico proposto nesta monografia é a pesquisa bibliográfica e documental, com o objetivo de analisar as contribuições cientificas disponíveis em livros, artigos, e documentos sobre o tema.

# CAPÍTULO I

## A importância da educação para a formação humana

Este trabalho de pesquisa tem como objetivo a compreensão dos jogos e brincadeiras na educação infantil, enfatizando sua importância para o desenvolvimento integral da criança. Para alcançar o objetivo dessa pesquisa iremos realizar uma reflexão sobre o papel da educação para a formação humana do sujeito, sendo que por meio da educação os indivíduos entram em contato com diversos tipos de aprendizagens, promovendo o desenvolvimento humano.

### 1.1. Educação informal

A educação informal acontece fora do ambiente escolar, de forma livre e sem planejamento. Os indivíduos aprendem através do meio em que está inserido, seja na família, na igreja, na rua, com os amigos e em atividades culturais. A educação informal proporcionar conhecimentos que fazem parte da vida de cada sujeito de acordo com a realidade social e cultural em que vive. Por meio disso:

A educação informal corresponderia a ações e influências exercidas pelo meio, pelo ambiente sociocultural, e que se desenvolve por meio das relações dos indivíduos e grupos com o seu ambiente humano, social, ecológico, físico e cultural, das quais resultam conhecimentos, experiências, práticas, mas que não estão ligadas especificamente a uma instituição, nem são intencionais e organizadas. (LIBÂNEO, 2010, p.31).

Essa consideração mostra que a educação informal acontece através da relação do sujeito com o ambiente sociocultural, permitindo repassar os conhecimentos e experiências vividas aos demais indivíduos. A educação informal não é intencional, não tem uma sistematização e nem uma organização dos conhecimentos, eles acontecem espontaneamente.

A educação informal faz parte da cultura do homem e acontece nos mais variados ambientes, abrangendo todos os processos de formação do indivíduo. Sendo assim: “[...] não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática, e o professor profissional não é seu único praticamente”. (BRANDÃO, 2007, p.9). Segundo o autor a educação vai muito além da que é ofertada na escola, a educação informal está por toda a parte, sem ter um modelo a ser seguido e não sendo necessariamente ministrada pelo professor, além do os sujeitos aprendem com todos os indivíduos que estão a sua volta.

Através da educação informal os sujeitos adquirem em seu cotidiano valores, habilidades, conhecimentos e atitudes. Sendo assim a educação informal tem como objetivo: “[...] promover os indivíduos dos conhecimentos e experiências culturais que os tornam aptos a atuar no meio social e a transformá-lo em função de necessidades econômicas, sociais e políticas da coletividade”. (LIBÂNEO, 1994, p.17). Sendo assim a educação informal proporciona ao indivíduo conhecimentos e comportamentos que ajudarão se inserir e atuar no meio social em que vivem e posteriormente transforma-lo de acordo com as suas necessidades.

A aprendizagem é um processo adquirido ao longo da vida, desde que nasce o sujeito já está aprendendo e se desenvolvendo. Primeiramente entra em contato com a educação informal e por meio dela aprende a viver e fazer parte da sociedade. Logo podemos afirmar que:

A educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social; tem por objetivo suscitar e desenvolver na criança certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio especial a que a criança, particularmentemente, se destina. (DURKHEIM, 1978, p.41).

Podemos entender por meio dessa afirmação que a educação tem por objetivo preparar a criança para se relacionar socialmente e que esse processo acontece desde muito cedo na vida do ser humano. É por meio da educação informal que são repassados valores e experiências de gerações adultas para as gerações mais jovens que ajudarão esses sujeitos a se integrarem e fazerem parte da sociedade em que vivem.

A educação informal tem grande relação com a cultura e o meio social em que o sujeito vive. Sendo assim: “ Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo” (GOHN, 2010, p.19). A educação informal proporciona aos sujeitos conhecimentos sobre o mundo por meio da interação com os demais, esses conhecimentos são construídos a partir das experiências e vivencias com outros indivíduos em um processo livre e espontâneo.

A educação informal também é repassada para as crianças por meio dos jogos e brincadeiras, no entanto: “A brincadeira é uma atividade que a criança começa desde de seu nascimento no âmbito familiar” (KISHIMOTO, 2002, p.139). Portanto a criança desde o seu nascimento está em contato com a educação informal por meio da brincadeira, aprendendo, desenvolvendo e interagindo com os demais sujeitos a sua volta e com o meio social.

As crianças aprendem muito por meio da brincadeira e dos jogos, adquirindo valores sociais, vivenciando culturas e se interagindo com outros sujeitos. O brincar é uma atividade que aproxima da realidade, possibilitando a imaginação e a imitação da sociedade a sua volta, portanto a brincadeira é um meio: “[...] na qual a criança constrói e transforma seu mundo, conjuntamente, renegociando e redefinindo a realidade [...]” (PACKER, 1994, p.273). Dessa forma a brincadeira possibilita a criança ver o mundo e refletir sobre ele, por meio das interações com os seus pares quando está brincando. É uma constante troca de conhecimento e aprendizado.

### 1.2. Educação formal

A educação formal acontece dentro do espaço escolar, em instituições formais reconhecidas por lei e organizadas segundo as diretrizes nacionais. A educação formal tem por objetivo transmitir conteúdos científicos, sistematizados e organizados, é uma educação intencional e tem como finalidade formar indivíduos críticos, desenvolver habilidades, curiosidade e competências. Sendo assim a educação formal é: “[...] aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal [...]” (LIBANEO, 2010, p.88). Assim a educação formal acontece dentro do ambiente escolar, tendo sempre uma intenção e um planejamento, ela acontece de forma institucionalizada e tem um caminho certo para percorrer.

Por meio da educação formal os indivíduos se preparam para atuarem na sociedade com uma visão mais crítica, reflexiva e científica. A educação formal preocupa também com a formação da personalidade do aluno como um todo, visando à formação humana. Por meio disso:

Na escola, a aula é a forma predominante de organização do processo de ensino. Na aula se criam, se desenvolvem e se transformam as condições necessárias para que os alunos assimilem conhecimentos, habilidades, atitudes e convicções e, assim, desenvolvem suas capacidades cognoscitivas. (LIBÂNEO, 1994, p.177).

Sendo assim, a aula acontece de forma organizada para que os alunos possam aprenderem os conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento, habilidades para conhecer, aprender, descobrir, questionar de forma crítica e reflexiva os conteúdos que são ensinados.

A educação formal é ministrada por professores profissionais com objetivos a serem alcançados. O agente mediador da educação formal é o professor, trabalhando conteúdos para a formação do sujeito. Contudo o professor faz parte do processo formativo de seus educandos: “ [...] sua responsabilidade é preparar os alunos para se tornarem cidadãos ativos e participantes na família, no trabalho, nas associações de classes, na vida cultural e na política. ” (LIBANEO, 1994, p. 47). Portanto o professor deve formar sujeitos para atuarem ativamente na sociedade e transformá-la.

A educação formal é organizada e estruturada, tendo que seguir um currículo específico que norteia todo o processo escolar, os conteúdos ministrados são divididos por disciplinas, segue regras, os alunos são divididos por idade e grau de conhecimento que cada um possui. Na educação formal tem uma preocupação com os conhecimentos que são transmitidos, pois eles têm que atender as demandas do mundo atual, nas diferentes disciplinas. A escola tem três principais objetivos, a formação humana, o desenvolvimento da ciência e a apreensão da técnica, portanto:

Esses três fins tem relação com as necessidades humanas mais fundamentais: a ciência é o meio indispensável para compreender a realidade, a técnica é utilizada para transformar essa realidade, visando o bem estar, e a formação é entendida aqui como elemento básico na realização da identidade das pessoas e dos grupos, incluindo a própria utilização da ciência e da técnica (GANDIN, 1995, p.96).

Sendo assim a educação formal tem que ser organizada e fundamentada para atender esses objetivos e o professor é o sujeito principal, responsável por isso. É na escola que os indivíduos adquirem os conhecimentos científicos que usarão em toda a sua vida, atendendo as necessidades e desafios postos pela sociedade.

A educação formal está presente na vida das crianças desde que ingressou na escola e por meio dela vai se desenvolvendo ao longo dos anos, adquirindo conhecimentos importantes para sua formação como sujeito integrante da sociedade.

A educação formal pode ser ministrada para as crianças pequenas por meio dos jogos e brincadeiras, pois são recursos que proporcionam o desenvolvimento de habilidades, comportamentos, imaginação, compreensão das regras, desenvolvimento motor e físico e também contribui na formação humana. Sendo assim: “Ao utilizar de modo metafórico a forma lúdica para estimular a construção do conhecimento, o brinquedo educativo conquistou o espaço definitivo na educação infantil” (KISHIMOTO, 2005, p.38). Diante disso o brincar faz parte da educação infantil, contribuindo para a construção do conhecimento das crianças. Ao brincar a criança aprende a reconhecer a si mesma e os outros, aprendendo a se socializar e interagir.

O professor deve ser participativo nas brincadeiras das crianças, pois é um momento importante e de muito conhecimento, ele deve estimular as crianças a participar e se interagir. No entanto: “o jogo é para a criança um fim em si mesmo, ele deve ser para nós um meio (de educar), de onde seu nome – jogo educativo - que torna cada vez mais um lugar na linguagem da pedagogia maternal” (KISHIMOTO, 2005, p. 18). O professor deve utilizar o jogo como meio educativo, com proposito de repassar aprendizagens e conhecimentos.

Os jogos e as brincadeiras são atividade essenciais na vida das crianças, auxiliam na aprendizagem e no desenvolvimento físico e motor. Portanto na escola essas atividades devem ser vistas como importantes no processo de formação da criança. Diante disso:

A brincadeira é uma atividade psicológica de grande complexidade, é uma atividade lúdica que desencadeia o uso da imaginação criadora pela impossibilidade de satisfação imediata de desejos por parte da criança. A brincadeira enriquece a identidade da criança, porque ela experimenta outra forma de ser e de pensar; amplia suas concepções sobre as coisas e as pessoas, porque o faz desempenhar vários papéis sociais ao representar diferentes personagens. (CARVALHO E PONTES, 2003, p. 48)

Assim a brincadeira deve ser trabalhada na educação infantil para possibilitar as crianças aprenderem de maneira completa. Por meio das brincadeiras as crianças enriquecem seus conhecimentos, amplia sua forma de pensar, de agir e de se posicionar na sociedade em que vive. Brincando a criança constrói a sua personalidade e desenvolvem seu psicológico.

### 1.3. Educação para a autonomia

A educação é essencial na vida dos seres humanos, ela forma o indivíduo de maneira completa proporcionando ao sujeito aprender ao longo de sua vida. O homem não nasce educado é ao longo de sua vida que vai se educando, primeiramente na família e na sociedade em que vive e, posteriormente na escola sendo uma educação formal e intencional. Sendo assim a educação não se resume a escola, pois a todo momento o sujeito está aprendendo e se desenvolvendo no meio em que está inserido. Todo ser humano tem acesso à educação de modos variados. Assim podemos afirmar que:

Ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola, de modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar, para aprender-e-ensinar. Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação. Com uma ou com várias: educação? Educações. E já que pelo menos por isso sempre achamos que temos alguma coisa a dizer sobre a educação que nos invade a vida[...] (BRANDAO, 2007, p. 7).

Segundo o autor a educação é muito abrangente, ela está por toda parte, todos os indivíduos de alguma forma entram em contato com ela. Para viver no mundo e conviver com os seres humanos é necessário a educação, ela que auxilia o homem no seu desenvolvimento, sendo assim os indivíduos entram em contato com vários tipos de educações ao longo de sua vida.

Por meio da educação o indivíduo tem o aprimoramento dos desenvolvimentos físico, moral, intelectual, psicológico e motor, sendo capaz de aprender e ensinar: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p. 79). De acordo com o autor a educação é um processo que se constitui na relação e interação com outros seres humanos de acordo com sua realidade vivida, sendo assim a educação é um processo que tem a finalidade de humanizar e de transformar.

A educação é primordial ao indivíduo, por meio dela os sujeitos entram em contato com a realidade e se prepara para a vida, formando um cidadão mais crítico e reflexivo na sociedade em que vive. Logo podemos afirmar que: “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade”. (Brandão, 2007, p.10). Sendo assim segundo o autor a educação é construída pelos grupos sociais, não tendo uma única forma, pois cada indivíduo vive em uma determinada sociedade e o modo de educação é de acordo com essa realidade, de acordo com a cultura.

A autonomia é a capacidade do sujeito tomar as suas próprias decisões partindo da sua capacidade de pensar. A autonomia está presente na educação, pois o professor deve estar sempre buscando em suas práticas pedagógicas meios para formar indivíduos autônomos, críticos e responsáveis. Por meio da educação os indivíduos são capazes de encontrar uma forma de ser e de agir no mundo, assumindo um caráter crítico, assim:

[...] A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentindo que uma pedagogia da autonomia tem de estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade, vale dizer, em experiências respeitosas da liberdade. (FREIRE,1996, p.42).

De acordo com o autor a autonomia é um processo a ser construído por meio das experiências vivenciadas. Os sujeitos vão se constituindo autônomos e se desenvolvendo de maneira consciente, sendo capazes de resolver problemas por si mesmo e vivenciar a liberdade.

A autonomia para a formação humana, dá a liberdade para os sujeitos questionarem suas dificuldades e assim modificar elementos que faltam para uma melhor educação. O professor deve incentivar um aprendizado voltado para o aluno, fazendo com que ele seja o autor principal de sua formação. Logo pode se afirmar que:

O educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se ‘aproximar’ dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada que ver com o discurso bancário ‘meramente’ transferidor do perfil do objeto ou do conteúdo. É exatamente neste sentido que ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível. E essas condições implicam ou exigem a presença de educadores e de educandos criadores, instigadores, inquietos, rigorosamente curiosos, humildes e persistentes. (FREIRE, 1996, p.13).

Diante disso o educador tem um papel fundamental para a formação crítica do educando. Na sua prática docente deve estimular a criticidade e a curiosidade, para que seus alunos possam estar sempre pensando, questionando, refletindo e assim compreender de forma crítica o que lhe foi instruído, pois ensinar vai muito além de transmitir o conteúdo, o aluno tem que raciocinar e aprender criticamente.

A autonomia é fundamental no desenvolvimento e aprendizado dos alunos. É importante que o professor trabalhe desde a educação infantil criando as condições que possibilite as crianças pensarem por si mesmas, utilizando os jogos e brincadeiras como recursos para tal, deste modo o Referencial Nacional para a Educação Infantil afirma que:

Brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. O fato de a criança, desde muito cedo, poder se comunicar por meio de gestos, sons e mais tarde representar determinado papel na brincadeira faz com que ela desenvolva sua imaginação. Nas brincadeiras as crianças podem desenvolver algumas capacidades importantes, tais como a atenção, a imitação, a memória, a imaginação. Amadurecem também algumas capacidades de socialização, por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais (BRASIL, 1998, p. 22).

Portanto as brincadeiras são importantes recursos no qual o professor pode utilizar para trabalhar com a autonomia das crianças. Por meio da brincadeira a criança vai assumindo papeis, desenvolvendo a imaginação, a imitação e vivenciando regras. Sendo assim serão capazes de resolver problemas e superar desafios impostos por meio das brincadeiras, adquirindo mais amadurecimento e autonomia em fazer suas escolhas e superar os problemas.

Nos estudos de Immanuel Kant ele diz que o homem tem duas tendências de comportamento, a autonomia e a heteronomia. A heteronomia é a dependência do sujeito a outros indivíduos, não pensa por si só, não tem liberdade, está na minoridade. Já a autonomia é o princípio de toda a moralidade das ações do sujeito, é o agir do homem por meio da razão, pensar por ele mesmo. O homem só atinge a autonomia quando entra na maioridade, que é a capacidade do sujeito usar a própria inteligência sem a ajuda de outras pessoas. Logo pode afirmar que:

[...] A menoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem tutela de um outro. É a si próprio que se deve atribuir essa minoridade, uma vez que ela não resulta da falta de entendimento, mas da falta de resolução e de coragem necessárias para utilizar seu entendimento sem a tutela de outro [...] (KANT, 1783, p. 1).

O homem deve ser educado para que saia do seu estado de menoridade e atinge o estado da maioridade, sendo capaz de tomar suas próprias decisões sem o auxílio de outra pessoa. É preciso que o sujeito use o pensamento racional para atingir a autonomia, pensando por si mesmo e tendo responsabilidade de seus atos.

Muitas vezes o indivíduo acha bom estar no estado da menoridade, assim ele não precisa ter responsabilidades de seus atos, não precisa dar explicação das coisas que faz, pois está sempre sob o comando de outra pessoa. Dessa forma:

É tão cômodo ser menor. Se possuo um livro que possui entendimento por mim, um diretor espiritual que possui consciência em meu lugar, um médico que decida acerca de meu regime, etc., não preciso eu mesmo esforçar-me. Não sou obrigado a refletir, se é suficiente pagar; outros se encarregarão por mim da aborrecida tarefa. Que a maior parte da humanidade (e especialmente todo o belo sexo) considere o passo a dar para ter acesso à maioridade como sendo não só penoso, como ainda perigoso, é ao que se aplicam esses tutores que tiveram a extrema bondade de encarregar-se de sua direção [...] (KANT, 1783, p. 1-2).

Muitos indivíduos não saem do estado de menoridade pois acham mais cômodo ter alguém para pensar e decidir as coisas em sua vida. Não precisando ele refletir e se esforçar para pensar, pois sempre terá alguém para fazer isso por ele. Assim torna difícil e perigoso deixar sua menoridade, isso faz parte do seu dia a dia, do seu cotidiano e se torna natural.

O homem só é livre e autônomo quando pensa por ele mesmo, sendo capaz de fazer sua própria história, construir sua vida e tomar suas próprias decisões. O processo de esclarecimento do homem é a liberdade de fazer o uso de sua própria razão em todos os momentos. Sendo assim “Esse esclarecimento não exige todavia nada mais do que a liberdade; e mesmo a mais inofensiva de todas as liberdades, isto é, a de fazer um uso público de sua razão em todos os domínios” (KANT, 1783, p. 3). Assim para o homem alcançar o esclarecimento ele deve sair do seu estado de menoridade e passar para o estado de maioridade, atingindo assim a liberdade de fazendo uso da sua razão.

Para o homem deixar o estado de minoridade é um processo demorado e muitos não conseguem, pois já está internalizado nele, fazendo com que se acomode e nem tente buscar sua liberdade e servir de seu próprio entendimento. Sendo assim:

É portanto difícil para todo homem tomado individualmente livrar-se dessa minoridade que se tornou uma espécie de segunda natureza. Ele se apegou a ela, e é então realmente incapaz de se servir de seu entendimento, pois não deixam que ele o experimente jamais. Preceitos e fórmulas, esses instrumentos mecânicos destinados ao uso racional, ou antes ao mau uso de seus dons naturais, são os entraves desses estado de minoridade que se perpetua. Quem o rejeitasse, no entanto, não efetuaria mais do que um salto incerto por cima do fosso mais estreito que seja, pois ele não tem o hábito de uma tal liberdade de movimento. Assim, são poucos os que conseguiram, pelo exercitar de seu próprio espírito, libertar-se dessa minoridade tendo ao mesmo tempo um andar seguro (KANT, 1783, p. 2).

Para o homem obter o estado de maioridade é preciso que ele use sua razão e seu próprio esclarecimento. Mas essa passagem da menoridade para a maioridade é um passo difícil para aqueles indivíduos que são dependentes de outra pessoa ou instrumento para raciocinar para ele, isso faz com que fique preso na menoridade por toda a sua vida. E mesmo que o sujeito tenta sair desse estado de menoridade ele não consegue, pois isso gera muito esforço e sofrimento e ele não está acostumado com isso. Sendo assim poucos conseguem se libertar e fazer uso de sua própria razão com segurança.

O professor em sua prática docente tem um papel fundamental no desenvolvimento da autonomia na vida de seus educandos. Ele deve buscar meios para contribuir nessa passagem da menoridade para a maioridade das crianças, trabalhando com elas o uso da razão e do pensamento crítico. Diante disso:

Se trabalho com crianças, devo estar atento à difícil passagem ou caminhada da heteronomia para a autonomia, atento à responsabilidade de minha presença que tanto pode ser auxiliadora como pode virar perturbadora da busca inquieta dos educandos; se trabalho com jovens ou adultos, não menos atento devo estar com relação a que o meu trabalho possa significar como estímulo ou não à ruptura necessária com algo defeituosamente assentado e à espera de superação [...] (FREIRE, 1996, p.36)

Portanto o professor deve estar atento a sua prática, pois ela tanto pode auxiliar para a desenvoltura da autonomia quanto pode atrapalhar esse processo. Nesse sentindo a uma semelhança entre Paulo e Kant, pois ambos estão preocupados em uma formação voltada para a autonomia, que os professores devem educar para a liberdade, para a autonomia. Sendo assim o professor tem que trabalhar com seus alunos algo que seja significativo, que estimula o raciocínio, buscar ir além do que foi lido, estudo e repassado para ele. O professor deve consciência de que está formando cidadãos para viver em sociedade e devem ser preparados para isso, para questionarem, se posicionarem e fazer uso da sua razão. E deve ser assim mesmo como afirmando acima, porque como o professor pode motivar os alunos a ser autônomos, sendo que ele mesmo, não é? O professor para trabalhar a autonomia com seus alunos ele deve fazer uso dela.

A autonomia é um processo a ser construído com o tempo. O sujeito vai se tornando autônomo por meio das experiências vivenciadas, a capacidade crítica de analisar, não aceitar as coisas como normais, sempre procurar uma justificativa racional para o que está acontecendo e questionar com o meio que está inserido. O próprio indivíduo que toma a iniciativa para ser autônomo, por meio do uso de sua própria razão ele vai se tornando capaz de decidir por si mesmo. Diante disso:

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Por que, por exemplo, não desafiar o filho, ainda criança, no sentido de participar da escolha da melhor hora para fazer seus deveres escolares? Por que o melhor tempo para esta tarefa é sempre o dos pais? Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos (FREIRE, 1996, p. 55).

A autonomia começa a se desenvolver no ser humano desde a infância. E os pais, professores e pessoas que convivem com as crianças tem um papel fundamental na desenvoltura da autonomia delas, devem ir estimulando elas para tomar as suas próprias decisões e escolhas, pois assim as crianças vão formando a sua autonomia, que um processo demorado e construído pelo próprio sujeito.

### 1.4. Papel do professor no desenvolvimento da autonomia

O professor deve auxiliar o aluno buscar a autonomia, criando situações para ele pensar por si mesmo, tomar as suas próprias decisões, ter um pensamento crítico em relação as coisas a sua volta. O professor não deve dar as respostas prontas, ele tem que desafiar o sujeito a buscar, refletir, pensar e assim ser capaz de responder por si mesmo. Sendo assim os jogos e brincadeiras são recursos importantes no processo da autonomia, pois eles criam situações para o aluno pensar, criar estratégias e refletir sobre suas ações. Portanto, “o jogo e a brincadeira permitem ao aluno criar, imaginar, fazer de conta, funciona como laboratório de aprendizagem, permitem ao aluno experimentar, medir, utilizar, equivocar-se e fundamentalmente aprender” (VYGOTSKY e LEONTIEV, 1988, p. 23). O jogo e a brincadeira não estão relacionados apenas ao entretenimento da criança, mas eles são recursos que estimula a aprendizagem e o desenvolvimento da autonomia, deixando a criança livre para criar, experimentar, imaginar, buscar novos conhecimentos e tomar decisões, os jogos e brincadeiras preparam as crianças para crescerem mais autônomas e capazes de tomar suas decisões, fazer suas próprias escolhas e ter um pensamento mais crítico.

É importante na escola o professor trabalhar com o desenvolvimento da autonomia das crianças, conscientizando sobre a importância de tomar suas próprias decisões e como elas interferem na sociedade e na sua própria vida. Por meio disso é importante:

[...] cuidar da dimensão lúdica das tarefas escolares e possibilitar que as crianças pudessem ser protagonistas, isto é, responsáveis por suas ações, nos limites de suas possibilidades de desenvolvimento e dos recursos mobilizados pelos processos de aprendizagem (MACEDO 2005, p.15).

O aluno tem que ser o personagem principal de sua formação, tendo que participar ativamente de todo o processo de aprendizagem. Quando a criança participa e se envolve ela tem clareza de suas responsabilidades e de como suas ações podem interferir no meio em que vive, por meio do brincar e jogar ela vai adquirindo mais autonomia em seus atos e compreendendo que deve ser responsável por suas ações e escolhas.

Os jogos e brincadeiras possibilita a criança aprender de forma lúdica, ao brincar o sujeito vai desenvolvendo o raciocino, compreendendo suas responsabilidades e tomando as suas próprias decisões perante aos demais e assim se tornando mais autônoma e responsável. Diante disso pode afirmar que:

Com os jogos e brincadeiras as crianças conseguem criar identidade e desenvolver sua autonomia, o raciocínio logico e a linguagem. Pois os jogos estimulam a criança a usar muito sua mente para formular estratégias para cada jogada. Por esse motivo este trabalho trará clareza aos professores, e incentivará a fazerem uso dos jogos dentro e fora de sala de aula (LAMBLEM e DE JESUS, 2018, p. 2)

Os professores devem utilizar os jogos e brincadeiras como recursos pedagógicos para auxiliar no processo da autonomia e identidade. Esses recursos possibilitam o aluno usar sua razão, tomar suas decisões e formular estratégias. Quanto mais o professor estimula o aluno a usar seu raciocínio e fazer suas escolhas mais autônomo ele vai ficando ao longo de sua vida. De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional pode afirmar que:

Tudo isso deve acontecer num contexto em que cuidados e educação se realizem de modo prazeroso, lúdico. Nesta perspectiva, as brincadeiras espontâneas, o uso de materiais, os jogos, as danças e os cantos, as comidas e as roupas, as múltiplas formas de comunicação, de expressão, de criação e de movimento, o exercício de tarefas rotineiras do cotidiano e as experiências dirigidas que exigem que o conhecimento dos limites e alcances das ações das crianças e dos adultos estejam contemplados. (BRASIL, 1996, p.15).

As crianças se desenvolvem e aprendem por meio dos jogos e brincadeiras, através da troca com os outros integrantes, pensam, agem e aprendem a socializar-se. Assim a criança vai se desenvolvendo e adquirindo conhecimentos significativos que ajudaram a se inserir na sociedade e ser mais autônomas em suas ações. Através dos jogos e brincadeiras os indivíduos aprendem de forma lúdica, desenvolvem o raciocínio logico e vivenciam experiências que ajudaram no processo da autonomia.

Neste capítulo vimos a importância da educação na vida do ser humano, todos de alguma forma entram em contato com ela, adquirindo conhecimentos significativos. Sendo assim o papel da educação é formar indivíduos capazes de conviverem e atuarem na sociedade em que vivem.

A educação pode ser informal ou formal. A educação informal faz parte do dia a dia do sujeito, desde que ele nasce entra em contato com ela, por meio da família, vizinhos, amigos e igreja. Os jogos e brincadeiras estão presentes na educação informal, por meio deles as crianças aprendem a se socializar, conviver com os demais e vai se apropriando da sua cultura. A educação formal é organizada e planejada, o ensino tem uma finalidade que é desenvolver no aluno o pensamento crítico, reflexivo e preparar para atuar na sociedade em que vive. A educação formal pode ser repassada para as crianças pequenas por meio dos jogos e brincadeiras, promovendo o desenvolvimento da criança em um todo.

A educação para a formação da autonomia é importante nesse processo de formação do indivíduo e o professor tem um papel desafiador, tendo que incentivar seus alunos desde cedo serem críticos, reflexivos e fazerem suas próprias escolhas.

A autonomia segundo Immanuel Kant é um importante processo na vida do ser humano, o sujeito só se torna capaz de pensar, agir e tomar as suas decisões por meio dela, na escola os alunos devem ser estimulados para desenvolverem a autonomia para que se tornem no futuro sujeitos independentes, que faz suas escolhas e toma suas próprias decisões. Os jogos e brincadeiras são recursos facilitadores no desenvolvimento da autonomia, pois eles permitem a criança criar, refletir, questionar e resolver os desafios imposto. No próximo capitulo a nossa investigação será sobre os conceitos de jogos e brincadeiras, estabelecendo as diferenças e semelhanças entre eles. Também iremos investigar a importância da formação docente para trabalhar com os jogos e brincadeiras e as legislações que orientam

# CAPÍTULO II

## Contribuição dos jogos e brincadeiras para a educação infantil

Neste capítulo iremos esclarecer sobre os conceitos de jogos e brincadeiras, estabelecendo as diferenças e semelhanças entre eles e sua importância no desenvolvimento da criança. Também iremos investigar a relação entre infância e os jogos e brincadeiras. Entenderemos a importância da formação continuada dos professores para trabalhar com a ludicidade na educação infantil e aprofundaremos nas legislações que orientam os jogos e brincadeiras.

### 2.1. Os conceitos de jogos e brincadeiras

O conceito de jogo é muito amplo cada pessoa pode entender de uma forma, ele assume várias perspectivas que são marcadas por elementos sociais, políticos e ideológicos, que são determinados pelo contexto histórico de cada época. Diante disso:

Tentar definir o jogo não é tarefa fácil. Quando se pronuncia a palavra jogo cada um pode entendê-la de modo diferente. Pode-se estar falando de jogos políticos, de adultos, crianças, animais ou amarelinha, xadrez, adivinhas, contar estórias, brincar de ‘mamãe e filhinha’, futebol, dominó, quebra-cabeça, construir barquinho, brincar na areia e uma infinidade de outros (KISHIMOTO, 1997, p.13).

Ou seja, as definições do conceito de jogo podem ser variadas, vão desde a brincadeira infantil, até o campo econômico e político do país. Assim os jogos estão presente na vida das pessoas de alguma forma, fazendo parte da cultura humana, do desenvolvimento do indivíduo e das relações sociais.

Os jogos podem ser considerados como fundadores da cultura humana, por meio da sua intensidade e fascinação que traz ao indivíduo, sendo assim: “[... ]o jogo é fato mais antigo que a cultura, pois esta, mesmo em suas definições menos rigorosas, pressupõe sempre a sociedade humana” (HUIZINGA, 1980, p.3). Portanto o jogo faz parte da sociedade humana e traz consigo inúmeros significados culturais que acompanham o homem a muitos anos.

A definição de jogo pode variar, mas alguns elementos são predominantes como: “ a existência de regras em todos os jogos é uma característica marcante. Há regras explicitas como na brincadeira de faz de conta, em que a menina se faz passar pela mãe que cuida da filha. São regras internas, ocultas, que ordenam e conduzem a brincadeira” (KISHIMOTO, 2017, p. 23). Portanto todo jogo possui regras especificais em que os jogadores devem cumprir, essas regras que define o jogo e o ordena.

O jogo pode ser um instrumento auxiliador no processo educativo, contribuindo para o desenvolvimento infantil. A criança ao jogar eleva o seu nível de conhecimento e desenvolve habilidades, preparando-se para viver e atuar na sociedade. Sendo assim podemos afirmar que:

O jogo é um instrumento pedagógico muito significativo. No contexto cultural e biológico é uma atividade livre, alegre que engloba uma significação. É de grande valor social, oferecendo inúmeras possibilidades educacionais, pois favorece o desenvolvimento corporal, estimula a vida psíquica e a inteligência, contribui para a adaptação ao grupo, preparando a criança para viver em sociedade, participando e questionando os pressupostos das relações sociais tais como estão postos. (KISHIMOTO, 1997, p. 37).

É significativo a utilização dos jogos na educação infantil, eles propiciam a criança conhecimentos e habilidades, de forma prazerosa e divertida. Por meio dos jogos as crianças aprendem a respeitar limites, socializar-se, explorar a criatividade, e se interagem.

A brincadeira é um ato social que envolve os sujeitos em realidades vividas, as crianças por meio das brincadeiras estabelecem relações sociais, constrói conhecimentos e relaciona consigo mesma e com o mundo a sua volta. Desse modo:

Brincar é sem dúvida uma forma de aprender, mas é muito mais que isso. Brincar é experimentar-se, relacionar-se, imaginar-se, expressar-se, negociar, transformar-se. Na escola, o despeito dos objetivos do professor e do seu controle, a brincadeira não envolve apenas a atividade cognitiva da criança. Envolve a criança toda. É prática social, atividade simbólica, forma interação com o outro. É criação, desejo, emoção, ação voluntária (FONTANA; CRUZ, 1997, p. 115).

A brincadeira envolve a criança em um todo, desenvolvendo habilidades e conhecimentos importantes para a sua formação enquanto sujeitos participantes da sociedade. Além do desenvolvimento da aprendizagem a brincadeira proporciona ao desenvolvimento motor, emocional e cognitivo. Portanto:

Brincar é também um grande canal para o aprendizado, senão o único canal para verdadeiros processos cognitivos. Para aprender precisamos adquirir certo distanciamento de nós mesmos, e é isso o que a criança pratica desde as primeiras brincadeiras transicionais, distanciando-se da mãe. Através do filtro do distanciamento podem surgir novas maneiras de pensar e de aprender sobre o mundo. Ao brincar, a criança pensa, reflete e organiza-se internamente para aprender aquilo que ela quer, precisa, necessita, está no seu momento de aprender; isso pode não ter a ver com o que o pai, o professor ou o fabricante de brinquedos propõem que ela aprenda. (MACHADO, 2003, p.37).

O brincar contribui no desenvolvimento cognitivo da criança, desenvolvendo aprendizagens novas. Brincando a criança é exposta a desafios e questões além do que vivencia no seu dia a dia. Os jogos e brincadeiras são atividades importantes de serem trabalhadas com a criança, contribuindo de forma significativa em suas vidas. Portanto: “o jogo com a brincadeira representa recursos auxiliares para promover o desenvolvimento físico, mental e sociemocional da criança” (SANTOS, 2000, p.11). Os jogos e brincadeiras auxiliam no desenvolvimento da criança, contribuem na construção do conhecimento, no desenvolvimento da aprendizagem e no desenvolvimento motor. Por meio da brincadeira a criança expressa os seus sentimentos e interagem com os demais.

O papel do professor na hora da brincadeira é muito importante, pois a criança manifesta suas relações, medos, emoções e duvidas por meio das brincadeiras. Diante disso:

A intervenção do educador durante as brincadeiras realizadas pelas crianças nas instituições escolares é de suma importância, mesmo que seja no brincar espontâneo. O professor deve oferecer matérias, espaços e tempos adequados para que a brincadeira ocorra em sua essência (TEIXEIRA, 2010, p.66).

Sendo assim o professor deve influenciar as crianças na hora da brincadeira, disponibilizando materiais, brinquedos, partilhando das brincadeiras e tirando as dúvidas. O professor agindo assim estará possibilitando as crianças o acesso a variadas culturas e novos conhecimentos.

### 2.2. Infância: jogos e brincadeiras

A infância é reconhecida como uma construção social: “ A concepção de infância, não se refere a etapas, períodos, fases, momentos ou algo fixado em uma determinada cronologia, mas situado numa dimensão histórica[...]”. (SIQUEIRA, 2011, p.22). Sendo assim a sociedade contemporânea reconhece a criança como um sujeito histórico, produtor de conhecimento, cultura e que tem direito a infância, como um tempo fundamental da vida das crianças.

Na sociedade contemporânea pode se perceber os grandes avanços na concepção de infância e de criança, sendo sujeitos de direitos que tem as suas especificidades. Deste modo:

A pedagogia da infância tem como objeto de estudo a criança em si mesma e em seus processos relacionais, ou seja, torna como ponto de partida o reconhecimento das crianças a partir de seus modos socialmente construídos de pensar, agir, expressar, participar, se colocar no mundo e, além disso, reconhece a infância como tempo social da vida situado em contextos sociais e históricos. Enquanto ação educativa e pedagógica, procura romper com a lógica da escolarização tradicional e avança no sentido de entender o espaço educativo como “espaço-tempo” em que diferentes sujeitos interagem possibilitando a aprendizagem, o desenvolvimento e a formação humana. (GOIANIA, 2014, p.13).

Na sociedade contemporânea infância é entendida como a primeira fase da vida do indivíduo que necessita que sua particularidade seja preservada, contendo a essência da infância que é o brincar, o aprender brincando. A criança precisa ser preparada para entrar na fase adulta, para conviver socialmente, adquirir conhecimentos, o desenvolvimento da linguagem, por meio do lúdico, do faz-de-conta, e da interação com outras crianças.

O ambiente escolar deve ser adaptado para a criança, para melhor atender as suas necessidades e as suas especificidades, contribuindo para a formação do sujeito e o desenvolvimento da infância, portanto:

Nosso objeto educativo deve ser o de ajudar o desenvolvimento da infância, não o de dar-lhes cultura. Por isto, depois de haver oferecido à criança o material didático adequado para provocar o desenvolvimento dos sentidos, devemos esperar que se desenvolva a atividade de observação. (MONTESSORI, 1937: p. 199).

Como se percebe, a pedagogia Montessoriana objetiva a ajudar no desenvolvimento do indivíduo, para isso acontecer, Montessori solicita a adaptação do ambiente às necessidades e a individualidade da criança, os jogos e brincadeiras podem contribuir nesse processo de aprendizagem, proporcionando a criança o desenvolvimento tanto físico como motor.

Os jogos e brincadeiras tem um papel fundamental na vida das crianças, principalmente na infância, através da brincadeira a criança aprende de uma maneira divertida e participativa: “[...] através do brincar a criança prepara-se para aprender. Brincando ela aprende novos conceitos, adquire informações e tem um crescimento saudável” (MALUF, 2009, p.20-21). Portanto os jogos e brincadeiras fazem parte da vida das crianças, por meio deles elas se expressam, imitam, criam vínculos e manifestam a sua individualidade. Proporcionando uma aprendizagem prazerosa e de grande interação.

### 2.3. Formação de professores para trabalhar os jogos e brincadeiras

A sala de aula não pode mais ser marcada apenas pela relação autoritária proveniente da escola tradicional, mas sim que a atividade docente compreenda o ensinar e o aprender como processo interdependente que se estabelece em um ambiente de ludicidade.

A ludicidade tem como pressupostos a valorização da criatividade, a afetividade, a sensibilidade, sendo incentivadora no processo de ensino-aprendizagem. Ela permite um trabalho pedagógico com o objetivo de construir conhecimento. Através de jogos e brincadeiras as crianças despertam o interesse para aprender de forma prazerosa e alegre, estimulando a criatividade, a curiosidade e ressignificando o mundo ao seu redor.

A formação de professores, sua história escolar proveniente à narrativa dos professores quanto as suas experiências lúdicas de vida, servem para oportunizar a vivência destas atividades. Portanto podemos afirmar que:

Se uma pessoa ensina durante trinta anos, ela não faz simplesmente alguma coisa, ela faz também alguma coisa de si mesma: sua identidade carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional. Em suma, com o passar do tempo, ela tornou-se aos seus próprios olhos e aos olhos dos outros um professor, com sua cultura, seu éthos, suas idéias, suas funções, seus interesses etc. (TARDIF, RAYMOND, 2000, p. 02)

Tendo em vista que os professores investem nas próprias experiências lúdicas, investem em si mesmos enquanto uma oportunidade de ensino próprio, eles podem também conceber uma prática profissional lúdica, deste modo acredita-se que a dimensão humana do professor manifeste, “[...] que é capaz de nos humanizar e fazer compreender o sentido da vida para além da dimensão didática, para além do cotidiano ou vendo o cotidiano como a história ao vivo” (KRAMER, 2002, p.128). Assim o professor deve ter uma formação voltada para a humanização, propiciando o desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos para além do que é proposto pela escola.

O fator tempo é determinante na construção do saber profissional do professor. Tem o brincar e os jogos, como possiblidade de refletir, no qual vai se apropriando da dimensão lúdica desse mundo adulto-educador, com possibilidades de profundas transformações nas intervenções com seus alunos. É um projeto de construção de si mesmo enquanto professores com um potencial lúdico ativado.

O adulto que volta a brincar não se torna criança novamente, apenas ele convive, revive e resgata com prazer a alegria do brincar, por isso é importante o resgate desta ludicidade, a fim de que se possa transpor esta experiência para o campo da educação, isto é, a presença do lúdico (SANTOS; CRUZ, 1997, p.14).

Portanto a formação profissional docente deve ir além da dimensão teórica e pedagógica, ou seja, a formação lúdica, em que as brincadeiras, as histórias, as dramatizações, os jogos, a fantasia, a imaginação faça parte da educação integral dos sujeitos.

Reconhecendo a formação profissional docente envolvida na compreensão crítica da ludicidade para além do brinquedo, dos jogos, ou do ato de brincar, mas como uma proposta metodológica que vai ao encontro das especificidades das crianças e seus direitos de viver a infância, sobretudo lúdica. Realizando na formação de professores situações e vivenciais onde os mesmos resgatem seu fazer lúdico pessoal e que possam estar inserindo o brincar em sua ação didática.

Acreditamos que a ampliação e a diversidade de experiências oferecidas às crianças lhes fornecem mais elementos para o seu processo de construção de conhecimento e para o desenvolvimento da sua imaginação, da sua capacidade criadora. Não deveríamos acreditar, também, que a experiência acumulada do professor está relacionada à sua imaginação, à sua capacidade de criar? Quando pensamos nos adultos vemos, quase sempre, sua criação como inspiração, como um dom que se tem ou não se tem. Não consideramos que a experiência cultural do adulto pode favorecer sua imaginação. E, provavelmente por isso, a contemplamos pouco nos cursos para educadores. Criação e ludicidade têm muitas semelhanças e são essenciais no processo de formação do ser humano (ANDRADE, 2003, p.03).

Assim é conveniente no contexto de formação do professor em uma perspectiva lúdica, que o mesmo disponibilize o experienciar lúdico como possibilidade de reviver o que for significativo; a importância da formação lúdica na formação do professor exige dele práticas lúdicas demanda reconhecer seus saberes, ressignificar suas experiências lúdicas e aprender novos olhares, movimentos, sensações e todo tipo de oportunidade que o espaço-tempo da ludicidade oportuniza.

As transformações mais interessantes e significativas que observamos nas práticas lúdicas junto aos alunos decorrem de uma formação que favorece a emersão da ludicidade/humanidade do professor e possibilita que ele a incorpore e a esparrame para além de brinquedos e brincadeiras. Viver a interação ser/fazer é essencial para todos nós, artesãos do educar. Quando não oferecemos ao professor a oportunidade da experiência lúdica, negamos-lhe toda a riqueza que pretendemos que ele ofereça aos seus alunos. Há muito tempo estamos defendendo a autonomia das crianças. Mas, quantas vezes, esta mesma autonomia falta ao professor? Será que estamos vivendo, com o lúdico, igual contradição? (ANDRADE, 2008, p. 58).

É necessário antes que os professores desapeguem da idéia pragmática de aplicabilidade direta de tudo que brinca para serem repassados os seus alunos. É preciso que o professor desvincule da técnica. “Não é possível construir um conhecimento pedagógico para além dos professores, isto é, que ignore as dimensões pessoais e profissionais do trabalho docente” (Nóvoa, 1995, p. 23). É importante experienciar o divertimento, o acaso, a expressividade espontânea, uma possibilidade de reviver o que for significativo, com um conjunto de características de sua personalidade, de seu estilo pessoal, profissional, de sua dimensão histórica, de construção da sua profissão como crítico e reflexivo.

Essa reflexão permite a superação do conceito de lúdico como algo supérfluo e sem intencionalidade, que não precisa de uma formação específica e nem continuar pesquisando e estudando ao longo de seu exercício docente. Para a busca de perspectiva de uma concepção emancipatória de manifestação e interação entre professoras e crianças e entre crianças e crianças, principalmente enquanto necessidade de interação social e de formação do pensamento elaborado e crítico de ambos. Tendo como importância do lúdico para contentamento e utilização no desenvolvimento infantil e na formação lúdica do professor.

### 2.4. A legislação e os jogos e as brincadeiras

Os jogos e as brincadeiras na educação são reconhecidos desde a Declaração Universal dos Direitos da Criança (1959), com o Princípio VIII no qual prevê que “a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras, os quais deverão estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício desse direito”. Assinalando claramente o direito da criança em desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras de cunho educativo.

Para um suporte teórico metodológico veio com a Constituição Federal de 1988 e o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) de 1990 que foram dispositivos legais para a homologação da Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) no qual passou a integrar a Educação Infantil na Educação Básica, para que se reconhecesse e proporcionasse aos educadores e educandos na Educação Infantil como uma educação que se pauta nos valores éticos, morais, afetivos, priorizando o lúdico através das brincadeiras e dos jogos.

A escola é um dos espaços apropriados para o brincar, o jogar, para a criatividade infantil “um contexto no qual há um padrão de atividades, papéis sociais e relações interpessoais experiência dos face-a-face pela pessoa em desenvolvimento” (NARVAZ; KOLLER, 2004, p.57). Sendo assim a escola é um espaço onde a criança se relaciona socialmente e está em constante desenvolvimento, por meio dos jogos e brincadeiras são estimulados e desafiados, desenvolvendo a criatividade e autonomia.

Portanto, se fez necessário que os espaços fossem urgentemente ressignificados, a fim de propor uma referência curricular para atender e garantir que todas as crianças possam brincar, investigar, correr, pesquisar em um espaço mais lúdico, cuidadoso, acolhedor, propositivo e desafiador, com eixos norteadores das práticas pedagógicas que sejam as interações e brincadeiras, surgiu em 2017 a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como primeira etapa da Educação Básica, a Educação Infantil é o início e o fundamento do processo educacional. Existiam apenas parâmetros para uma base para a pré-escola, que não eram impostos por lei. Portanto, a Base se diferencia tanto pelo seu caráter obrigatório quanto por ampliar suas orientações curriculares.

Se apoiando em documentos como as Diretrizes Curriculares Nacionais de 2009 (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009) formam se as bases da BNCC, que possuem em seus eixos estruturantes da Educação o foco no interagir e brincar. Na DCNEI em seu Artigo 4º, considera a criança:

As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança centro do planejamento curricular é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009, p. 1).

O reconhecimento da criança como sujeito de direitos e que deve estar no centro do processo educativo, em que as instituições de Educação Infantil dever proporcionar as crianças o conhecimento e estes devem estar expressos nas suas propostas curriculares garantindo pela DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processo e de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças (BRASIL, 2009).

Assim, a BNCC propõe a partir dessas diretrizes, um conjunto de orientações às relações pedagógicas para a elaboração dos currículos, o que não vai ser diferente na Educação Infantil, que tem em seu destaque a interação durante o brincar, continuando sendo importante na formação integral da criança:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções (BNCC, 2017, p.37).

A BNCC na Educação Infantil possui para garantir às crianças as mais diversas experiências, envolvendo as múltiplas linguagens, uma definição de seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento, os quais devem ser assegurados a todas as crianças que são o conviver, brincar, participar, explorar, expressar, conhecer-se, percebe aqui a presença do brincar como direito na Educação Infantil.

Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais (BNCC, 2017, p.38).

No documento BNCC da educação infantil é sistematizado a partir da concepção de campos de experiências de aprendizagens, eles vão se constituir na BNCC como um arranjo curricular para as crianças dessa etapa da educação, correlacionando certas experiências e saberes por elas vivenciadas para promover a apropriação de conhecimentos relevantes. Assim, ao considerar esses saberes e conhecimentos, a BNCC estrutura os campos de experiência entre “O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”.

As brincadeiras vão estar muito presente no campo de experiência do “corpo, gestos e movimentos”, pois desde cedo as crianças conseguem explorar o mundo, o espaço e os objetos, por meio do corpo, com os sentidos, gestos e movimentos e assim, estabelecem relações, brincam, se expressam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro e culturalmente.

Corpo, gestos e movimentos – Com o corpo (por meio dos sentidos, gestos, movimentos impulsivos ou intencionais, coordenados ou espontâneos), as crianças, desde cedo, exploram o mundo, o espaço e os objetos do seu entorno, estabelecem relações, expressam- -se, brincam e produzem conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural, tornando-se, progressivamente, conscientes dessa corporeidade. Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem. As crianças conhecem e reconhecem as sensações e funções de seu corpo e, com seus gestos e movimentos, identificam suas potencialidades e seus limites, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a consciência sobre o que é seguro e o que pode ser um risco à sua integridade física (BNCC, 2017, p. 41).

Ainda na BNCC, vemos os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, no qual o brincar aparece nas diversas idades e os jogos como meio de interação entre as crianças.

Nesse capítulo vimos os conceitos de jogos e brincadeiras, esclarecendo as diferenças entre eles e sua importância no desenvolvimento infantil. Sendo assim jogos e brincadeiras possuem funções diferentes, variando de acordo com a cultura de cada um. Mas ambos contribuem para a aprendizagem da criança, sendo utilizados pelos professores na educação infantil. Investigamos a relação de infância com os jogos e brincadeiras, compreendendo que é uma fase de desenvolvimento e descobertas na vida das crianças. Os jogos e brincadeiras auxilia no desenvolvimento da infância, proporcionando a criança novos conhecimentos que ajudarão a se inserir na sociedade.

Também foi realizado o estudo sobre a importância da formação docente adequada para trabalhar com a ludicidade na educação infantil. O professor desempenha um importe papel na formação de seus educandos, por isso é importante aprimorar seus conhecimentos sobre aquilo que vai trabalhar com seus alunos. Pois quando as crianças estão brincando ou jogando surgem duvidas, questionamentos e reflexões, que devem ser analisadas pelo professor. Investigamos a legislação pertinente que normatiza a utilização dos jogos e brincadeiras na educação infantil.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se investigar a importância dos jogos e brincadeiras na educação infantil. Para alcançar esse objetivo percorremos um longo processo, consultando várias obras de diferentes autores sobre o tema. Percebeu-se durante a leitura dessas obras a complexidade do tema. Entretanto, alcançamos o objetivo proposto e a seguir apresentaremos seus resultados.

No primeiro capitulo vimos a importância da educação para a formação humana, para compreender melhor foi preciso investigar sobre a educação informal, no qual é aquela que acontece fora do ambiente escolar, mas que é de grande importância na vida do sujeito, através dela os indivíduos aprendem conhecimentos que ajudarão a se inserir e participar ativamente da sociedade em que faz parte. A educação informal pode ser transmitida por meio dos jogos e brincadeiras, pois quando está brincando a criança vai adquirindo novos conhecimentos e apropriando de sua cultura, através da interação com as demais crianças na hora da brincadeira ou do jogo.

Ainda no primeiro capítulo foi realizado o estudo sobre a educação formal, que acontecendo dentro da escola, tendo sempre uma finalidade e intenção. Os conteúdos ministrados são planejados e organizados para que os alunos adquirem conhecimentos necessários para o seu desenvolvimento e habilidades para conhecer, questionar de forma crítica e reflexiva. Percebemos então que os jogos e brincadeiras contribuem no desenvolvimento da educação formal, pois são recursos que proporcionam conhecimentos, habilidades, faz com que a criança pensa, reflete, análise e questiona de forma critica as coisas a sua volta.

Percebemos então que a educação é essencial na vida do indivíduo, todos de alguma forma entra em contato com ela, sendo a educação formal ou informal. O homem depende da educação para viver e atuar na sociedade, se tornando um cidadão mais crítico e reflexivo. Sendo assim a educação também proporciona ao indivíduo o desenvolvimento da autonomia, o pensamento próprio e a capacidade de resolver as coisas por si mesmo. Os professores têm um papel importante na desenvoltura da autonomia, tendo que estimular os alunos desde crianças a pensar por si mesmo, resolver os problemas. Identificamos então que a criança ao jogar e brincar eleva o seu nível de conhecimentos e se tornam mais autônomas, sendo capazes de pensar e agir por si mesma.

No capítulo dois foram apontados os conceitos de jogos e brincadeiras, foi possível fazer uma diferenciação entre esses conceitos, que apesar de serem parecidos possuem significados diferentes, podendo variar de acordo com cada cultura. Foi possível perceber que os jogos e brincadeiras é sem dúvida uma forma de aprender, proporcionando a criança novos conhecimentos e descobertas. O professor é fundamental nesse processo de aprendizagem, tendo que mediar as crianças e observar durante as brincadeiras, pois ali que surgem as dúvidas e perguntas.

Ainda no segundo capítulo foi identificado a relação de infância com os jogos e brincadeiras. Percebendo que a infância é uma fase da vida da criança que tem que ser preservada e estimulada, os jogos e brincadeiras são recursos essenciais nessa fase, pois ajuda no desenvolvimento e na aprendizagem de maneira prazerosa e divertida.

Como o educador tem um papel fundamental no desenvolvimento do aluno, apontamos a importância da formação continuada do professor para trabalhar com os jogos e brincadeiras na educação infantil. Percebemos que quanto mais o professor investe em conhecimentos mais ele compreende que ensinar e o aprender são processo interdependente que se estabelece em um ambiente de ludicidade. Por fim realizamos o estudo sobre a legislação pertinente que normatiza o trabalho com os jogos e brincadeiras na educação infantil, apontando claramente o direito da criança em desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras de cunho educativo.

O tema desse trabalho é muito amplo e impossível ser esgotado nesse contexto. A presente pesquisa foi apenas um recorte do tema em tela, sendo necessário maiores aprofundamentos que, com certeza, farei nos meus cursos de prós graduação, mestrado e doutorado.

# REFERÊNCIAS

ANDRADE, Cyrce. **A Formação Lúdica do Professor. In: Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas.** 2.ed. Salto para o Futuro. Ano XVIII boletim 07 - Maio de 2008.

ANDRADE, C., (2003). **Jogos e brincadeiras: desafios e descobertas: a formação lúdica do professor.** Disponível em: Acesso em: 25 out. 20.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** In\_\_\_\_\_\_ 9ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial nacional para a educação infantil.** Brasília: MEC/SEF,

1998.

BRASIL. **LEI N 9394/96. Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Setembro de 1996. Editora do Brasil. Brasília, 1998. Educação Infantil.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica.** Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\_docman&view=download&alias=2298-rceb005-09&category\_slug=dezembro-2009-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 27 out.2020.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2.** versão. Brasília, DF: MEC, 2016.

CARVALHO, A. M. A.; PONTES, F. A. R. **Brincadeira é cultura.** In: A.M.A. Carvalho; C.M.C. Magalhães, F. A. R. Pontes; I. D. Bichara (Orgs.). Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

DURKHEIM. E. **Educação e sociologia.** São Paulo: Melhoramentos,

1978.

FONTANA, Roseli; CRUZ, Nazaré. **Psicologia e trabalho pedagógico.** São Paulo:

Atual, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 9ª ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação para a autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. 50. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: Rio de Janeiro, v.14, n.50, 2010.

GANDIN, Danilo. **Planejamento como prática educativa.** 8º ed. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

HUIZINGA, J. (1980). **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.** Perspectiva: São Paulo.

KANT, Imannuel. **O que é o esclarecimeno?** In: \_\_. Textos Seletos. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. Petropolis: Vozes, 1783.

KISHIMOTO, T. M. (2002). **O brincar e suas teorias.** São Paulo: Pioneira-Thomson Learning.

KISHIMOTO, T. M. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

KISHIMOTO, T. M. **Jogo, brincadeira e a educação.** 8.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KRAMER, Sonia. **Formação de profissionais de educação infantil: questões e tensões.** In: MACHADO, Maria Lucia de A. (Org.). Encontros e desencontros em educação infantil. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBANEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIBANEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2010.

MACEDO, L.; PETTY, A. L. S.; PASSOS, N. C. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar.** Porto Alegre, Artmed, 2005.

MACHADO, M. M. O. **Brinquedo-sucata e a criança.** Edições Loyola, 2003.

PACKER, M. (1994). **Cultural work on the kindergarten playground: Articulating the ground of play.** Human Development, 37, 259-276.

NARVAZ, M. G; KOLLER, S. H. .**O modelo bioecológico do desenvolvimento humano.** In: KOLLER, 5. H. Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 51-65.

NÓVOA, A. **Profissão Professor.** Porto: Porto Editora, 1995.

SANTOS, S. M. P. **Brinquedoteca: A criança o adulto e o lúdico.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

SANTOS, S. M. P. dos; CRUZ, D. R. M da. **O lúdico na formação do educador.** In: SANTOS, S. M. P. dos (Org.). O lúdico na formação do educador, Petrópolis, Vozes, 1997.

TARDIF, M & RAYMOND, D., (2000). **Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério.** Educ. Soc. v.21 n.73,Campinas, dez. Disponível em: Acesso em: 25 out. 20

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos, brincadeiras e brinquedoteca: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento.** Rio de Janeiro: wak, 2010.

VYGOTSKY, L.S. e LEONTIEV, ALEXIS. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo: Edusp,1998.